

# A vida no andar de baixo da comunicação

Dimas A. Künsch

**E**squeça-se por um instante a estética em seus variados vínculos com o mundo da arte, para se entendê-la no sentido original grego de *aisthesis* = sensibilidade. Mais precisamente, diz o autor de *Estética da Comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital*, na Antigüidade Clássica, *aisthesis* designava “um tipo específico de sensação, entendida como a impressão causada nos sentidos – e, portanto, na mente – pelos objetos exteriores”, isto é, “o instante no qual o sujeito e o objeto se ligam em uma relação”.

E “relação” representa, de fato, um termo precioso no espaço de conhecimentos delimitado pelos estudos da Estética da Comunicação, “ramo da teoria da comunicação que trata das relações entre o indivíduo e a mídia a partir de uma perspectiva de interação entre a consciência, seu mundo da vida e a mensagem”. É disso que falam as duzentas e algumas páginas do novo livro de Luís Mauro Sá Martino, em oito capítulos que custaram ao autor, como ele mesmo conta numa página de abertura da obra, dois meses para ser escritos e doze anos de estudos.

Pode ser difícil saber se doze anos de estudo e pesquisa significam pouco ou muito na vida de alguém. No caso do autor, jornalista e professor universitário – que assina também, entre outros, *Mídia e poder simbólico*, *O habitus na comunicação* e *Comunicação: troca cultural*, os três pela Paulus –, o resultado mais palpável é a leveza com que ele se movimenta por textos antigos e novos, de Aristóteles à Escolástica de Santo Tomás de Aquino e à Fenomenologia de Husserl e Heidegger, na Filosofia; de Max Weber a outros clássicos, na Sociologia, sem menosprezar uma batelada de estudiosos da Comunicação, em idiomas que vão do português e es-

## Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao “eu” digital

Luís Mauro Sá Martino

Petrópolis, RJ: Vozes,  
2008, 216p.



panhol ao inglês, italiano e francês. As 259 notas de rodapé constituem um testemunho eloqüente, não só de erudição, mas também de uma sensibilidade intelectual que é evocada pelas últimas linhas da mesma página inicial de que se falou antes: “O espaço do saber existe com outras pessoas. Não existe conhecimento fora do diálogo. Mais além, só ilusão e o silêncio”.

Não se entenda isso como frase de efeito, ou puro jogo de palavras. Não é. Se restasse alguma dúvida, bastaria ao Descartes de hoje conferir a resposta na densa Introdução ao livro, em que se explicita o conceito de Estética da Comunicação e se listam brevemente os conteúdos que enchem as páginas das quatro partes em que está dividida a obra. Ali, duas percepções se impõem, ambas de importância singular no amplo campo dos estudos de Comunicação. A primeira é que o autor leva muito a sério a exigência de dialogia entre disciplinas e saberes. “No lugar da divisão, a soma”, ele escreve, mesmo quando reconhece, em outro trecho da obra, que

“em vários momentos se pode perguntar se o ‘interdisciplinar’ não se torna ‘indisciplinar’, no sentido de negar a divisão artificial do conhecimento em disciplinas universitárias estanques”. Ele imagina, com o jesuíta Francisco Suárez, do século XVI, citado nas páginas finais, que “o modo mais perfeito de entendimento” é “a ciência das coisas unidas, não divididas”. E encerra o livro com um chamado à “abertura de fronteiras” e à convergência do conhecimento “na busca de ciências, acima de tudo, humanas”.

A segunda percepção, inseparável da anterior, é a de que Martino dispõe de competência bastante tanto para fundamentar teoricamente a “opção na maneira de ver” que assume em defesa da Estética da Comunicação, quanto para não pôr pontos finais lá onde os estudos de Comunicação, por sua própria natureza e pela mobilidade de seu objeto, desaconselham qualquer tipo de arrogância e de dogmatismo. Sem cair com isso no relativismo de posições, é claro na distinção entre Estética da Comunicação e Estética da Recepção, uma vez que a primeira, “que não pensa no uso da mensagem feita pelo sujeito, mas nas relações do sujeito no processo de comunicação, (...) procura entender de que maneira os signos intersubjetivos circulam dentro da sociedade, sendo criados e recriados a cada instante na interação individual. Dessa maneira, é um estudo das relações entre indivíduos e comunicação, levando-se em conta que esse indivíduo é uma consciência-em-relação, um ser-no-mundo”.

A viagem do conhecimento, que vai do estudo da “produção da consciência comunicativa” (primeira parte) aos “novos lugares da comunicação” (quarta parte), com o autor o tempo todo atento às tessituras do cotidiano, ou ao mundo da vida, em que a vida primeiro acontece e se dá a conhecer, passa por estações cuja visita encanta. Numa delas, o leitor entende o que *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle, que introduz o

mundialmente famoso personagem Sherlock Holmes, tem a ver com hábitos mentais e signos. *Roteiro do silêncio*, de Hilda Hilst, mais adiante, serve de pano de fundo para uma conversa sobre os espaços em que a comunicação não se dá, ou sobre o “deserto da comunicação”, na expressão de Martino. Uma estação à frente, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, com sua personagem nordestina Macabéa a ouvir a todo momento a Rádio Relógio, ajuda a debater os limites fluidos entre mídia e realidade, lá onde, “na falta de assuntos pessoais para conversar”, a protagonista “utiliza o discurso dos meios de comunicação, não para definir um tema de discussão, mas como o próprio discurso”.

A mesma viagem, no capítulo final, mostra ao leitor as construções da Marginal Pinheiros, com base na tese de que “a compreensão do modo de vida cotidiano de uma época passa pela definição dos pontos mestres de sua arquitetura”. Uma estação à frente, entra o autor Orkut adentro para uma conversa final sobre o mundo da vida nos novos ambientes do ciberespaço.

Ao longo do livro, Luís Mauro Sá Martino sabe descer da cobertura do edifício ao andar térreo do cotidiano para contar, por exemplo, que “estava conversando com uma colega sobre educação no Brasil” e daí por diante, com o mesmo empenho com que descreve a visita a uma loja de livros usados no centro de São Paulo. Com a cara nos livros, doze anos ou uma vida inteira, ou flanando pelas ruas do centro de São Paulo, o autor se deixa mover pela consciência de ser-no-mundo ensinada por Heidegger, que ele cita: “Cada homem está, em cada instância, em diálogo com seus antecessores, e talvez ainda mais, de uma forma menos clara, com todos aqueles que virão após ele”.

**Dimas A. Künsch**, doutor em Ciências da Comunicação pela USP, coordena o Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero.